

6

Os rastros luminosos formaram estrelas e o *Wild Karrde* voltou ao espaço. Em frente estava o pequeno anão branco, o sol do sistema Chazwa, não muito destacado das estrelas ao redor. Nas proximidades, um círculo escuro era circundado por uma estreita faixa crescente, o próprio planeta Chazwa. Ao redor, espalhadas na escuridão do espaço próximo, podiam ser observadas cerca de cinquenta naves, indo e vindo. A maior parte eram cargueiros e cruzadores pesados, aproveitando a localização das instalações do espaçoporto. Algumas das naves pertenciam ao Império.

— Bem, aqui estamos — comentou Aves, do assento do co-piloto. — Aliás, gostaria de aproveitar a oportunidade e dizer que acho tudo isso uma idéia maluca.

— Pode ser — concedeu Karrde, ajustando o curso na direção do planeta. Mas se a rota de transporte dos clones do Império passa mesmo pelo setor Orus, então as guarnições de Chazwa deve ter registros da operação. Talvez até o local de origem, se alguém for descuidado o suficiente.

— Não estava me referindo aos detalhes desta operação. Estou querendo dizer que é loucura a gente se envolver nessa guerra. É um assunto da Nova República, não nosso. Deixe que eles façam essas coisas — respondeu Aves.

— Se eu confiasse neles o suficiente, deixaria — disse Karrde reparando que outra nave vinha na direção geral deles. — Mas não sei se eles são capazes de fazer isso direito.

— Ainda não acredito nos números de Skywalker. Se alguém pudesse criar clones estáveis tão depressa, os velhos mestre da clonagem teriam conseguido também.

— Talvez tenham conseguido, quem sabe? Não acho que tenham sobrado muitas fontes de informação sobre técnica de clonagem. Tudo o que li sobre o assunto veio de experiências bem anteriores às Guerras Clônicas.

— Bem, isso é verdade. Mas mesmo assim eu gostaria de pensar mais sobre o assunto.

— Podemos descobrir que não temos muita escolha nesse assunto — afirmou Karrde, apontando a nave que vinha ao encontro deles. — Temos um chamada. Que tal estabelecer a identidade dele?

— Claro — aquiesceu Aves, olhando para a nave e a seguir dedicando-se ao console. — Não está registrado como qualquer nave que eu conheça.

Espere um pouco... isso mesmo. Eles alteraram a identidade. Fizeram uma transposição simples. Vamos ver se o pacote mágico de Ghent consegue resolver o problema.

Karrde assentiu, o pensamento voltado para o outro lado da Galáxia, em Coruscant, onde dois companheiros haviam ficado sob os cuidados da Nova República. Se a previsão de recuperação se confirmasse, Mara deveria estar quase boa e em pouco tempo tentaria entrar em contato. Decidiu verificar com o homem designado assim que terminassem.

— Consegui — disse Aves, triunfante. — Bem, acredito que seja um velho amigo seu, Karrde. É o *Kern's Pride*; o proprietário é o quase-honorável Samuel Tomas Gillespee.

— Agora é honorável — comentou Karrde, olhando a nave a cem metros de distância. — Acredito que é melhor a gente ver o que ele quer. Regulou um cone estreito de frequência para comunicação.

— Aqui é Talon Karrde, chamando o *Kern's Pride*. Não fique parado aí, Gillespee. Cumprimente os amigos!

— Oi, Karrde — respondeu uma voz pelo alto-falante. —. Não se importa que eu verifique a identidade de quem está chamando, certo?

— De jeito nenhum. A propósito, belo trabalho na identidade da sua nave.

— Poderia ter sido melhor — desculpou-se Gillespee. — Ainda não conseguimos decifrar o seu. O que está fazendo por aqui?

— Eu estava a ponto de perguntar a mesma coisa. Fiquei com a impressão de que pensava em se aposentar — provocou Karrde.

— E verdade. Saí do negócio para sempre e muito obrigado. Comprei um bom pedaço de terra num mundo fora do caminho, onde

posso deitar e olhar as árvores e ficar fora de todo o tipo de encrenca. Um lugar chamado Ukio, já ouviu falar?

Atrás de Karrde, Aves balançou a cabeça e resmungou algo.

— Parece que escutei esse nome há pouco tempo — lembrou Karrde. — Você estava lá na época do ataque do Império?

— Estava lá durante o ataque, a rendição, a ocupação e tudo o que pude agüentar. Na verdade, eu assisti ao bombardeio de camarote. Foi espetacular, isso eu garanto.

— Poderia também ser lucrativo — disse Karrde, pensando rápido. A Nova República ainda não sabia o que o Império fizera em Ukio. Dados sobre o ataque poderiam ser valiosos para os responsáveis pela defesa. E renderiam um bom dinheiro para a testemunha e para o portador. — Suponho que tenha feito algum registro durante o ataque...

— Na verdade fiz alguns registros durante o bombardeio, com o cartão de dados embutido no macrobinóculo. Por quê?

— Existe uma boa chance para que eu encontre um comprador para esse cartão — disse Karrde. — Talvez ajude a compensar pela propriedade perdida.

— Duvido que seu comprador tenha tanto dinheiro para gastar. Você não teria acreditado, Karrde... não, mesmo. Quer dizer, não estamos falando sobre Svivren, mas até mesmo Ukio teria dado mais trabalho para se entregar.

— O Império tem uma longa prática em conquistar mundos. Você tem sorte de ter conseguido sair de lá.

— Isso é verdade. Faughn e Rappapor me tiraram de lá cerca de meio salto à frente dos soldados e meio salto atrás dos trabalhadores que eles enviaram para transformar minhas terras em plantações. Estou lhe dizendo... esse novo sistema He clones é uma coisa assustadora.

— Como assim?

— O que quer dizer com "como assim"? Não se espera que as pessoas sejam produzidas em linhas de montagem, que diabo! E se elas viessem, com certeza eu não colocaria o controle da produção nas mãos do Império. Você devia ter visto os caras nas barricadas da estrada... me fizeram ficar arrepiado.

— Não duvido. O que pretende depois que sair de Chazwa? — quis saber Karrde.

— Eu mal tinha planos *antes* de chegar até aqui — retrucou Gillespee.

— Estava esperando entrar em contato com o antigo homem de Brasck aqui e ver se eles estariam interessados em nos admitir. Por que, tem algo melhor em mente?

— Podemos começar enviando aquele cartão de macrobinóculo para meu cliente e sacar o pagamento através de uma linha de crédito que estabeleci com ele. Depois, eu tenho outro projeto que você talvez ache interessante...

— Temos companhia — alertou Aves. — Duas naves do Império vêm vindo nessa direção. Parecem fragatas classe *Lancer*.

— Oh-oh. Parece que não saímos de Ukio tão solitários — disse Gillespee.

— Acho que é mais provável que nós sejamos o que eles querem — comentou Karrde, digitando uma rota evasiva. — Foi bom falar com você, Gillespee. Se quiser continuar a conversa, me encontre em oito dias no sistema Trogan... você sabe onde.

— Posso conseguir, se você pode. Se não puder, não deixe as coisas fáceis para eles.

— Pode deixar. Muito bem, aqui vamos nós.

Ele conduziu o *Wild Karrde* numa curva elegante para a esquerda, fazendo parecer que pretendiam passar pelo planeta e estabelecer novo vetor de hiperespaço.

— Quer que avise os outros? — ofereceu Aves.

— Ainda não. Prefiro abortar a missão e tentar outra vez mais tarde, do que ficar enfrentar essas *Lancer* — disse Karrde, calculando o salto para o hiperespaço.

— É... — murmurou Aves, distraído. — Karrde! Eles não estão mudando de rota.

Karrde olhou para cima. Seu navegador tinha razão. Nenhuma das fragatas alterara seu curso. Mantinham o vetor original.

Direto para o *Kern's Pride*.

Olhou para Aves, que já o encarava.

— O que vamos fazer?

Karrde olhou para as naves do Império. O *Wild Karrde* não era nada indefeso numa luta e sua tripulação era a melhor possível. Mas com armas projetadas para lutar contra belonaves, duas *Lancer* eram suficientes até mesmo para o grupo inteiro que ele trouxera para Chazwa.

Enquanto observavam, o *Kern's Pride* fez seu movimento. Realizando uma espécie de pirueta de Koio gran, manobrou em alta velocidade e saiu perpendicular à trajetória original. As fragatas, sem se deixarem iludir, seguiram atrás.

O que deixava o *Wild Karrde* livre. Podiam continuar até Chazwa, apanhar os relatórios da guarnição e sair antes que as *Lancer* voltassem. Seria rápido, limpo e preferível, sob o ponto de vista da Nova República.

Mas Gillespee era um velho amigo... e na escala de Karrde, um companheiro contrabandista ficava mais alto do que qualquer governo interestelar ao qual não pertencia.

— Parece que Gillespee não saiu de Ukio desacompanhado — comentou ele, acionando o intercomunicador. — Lachton, Chin, Corvis: assumam os postos no turbolaser. Vamos até lá.

— E quanto as outras naves? — quis saber Aves, ativando os escudos defletores e o holograma tático.

— Primeiro, vamos atrair a atenção das fragatas — disse Karrde, fornecendo mais energia aos motores.

Os três homens declararam-se a postos.

O comandante da *Lancer* não era tolo. Assim que o *Wild Karrde* começou a mover-se, uma das fragatas interrompeu a perseguição e veio enfrentar a nova ameaça.

— Acho que conseguimos atrair a atenção deles. Agora posso chamar os outros? — indagou Aves.

— Pode — concordou Karrde, acionando o próprio comunicador para falar com o *Kern's Pride*. — Gillespee, aqui é Karrde.

— Estou vendo. O que pensa que está fazendo?

— Dando uma mãozinha.

A fragata que se aproximava abriu fogo sobre o *Wild Karrde* com os vinte canhões turbolaser quádruplos. Os três conjuntos luminosos das próprias baterias pareciam desaparecer na muralha de fogo inimigo.

— Parece que conseguimos distrair uma delas — anunciou Karrde. — Por que não tenta sair daí antes que a outra alcance você?

— Que belo tipo de distração você conseguiu arranjar — respondeu Gillespee. — Escute aqui, Karrde...

— Não. Escute você. Saia daqui! — interrompeu Karrde. — Não se preocupe comigo. Não estou sozinho.

— Lá vem eles — anunciou Aves.

Karrde olhou para o monitor. Eles vinham mesmo. Mais de quinze naves; todas dirigindo-se para a inferiorizada fragata *Lancer*.

— Você não estava brincando, estava? — indagou a voz de Gillespee pelo comunicador.

— Não, não estava. Agora vá embora, sim? Gillespee riu alto.

— Vou contar um pequeno segredo, Karrde. Também não estou sozinho.

Mal dissera isso e Karrde distinguiu as chamas dos escapamentos de vinte naves entre a luminosidade dos disparos dirigindo-se direto para a segunda fragata.

— Pois, é, Karrde. Acho que nenhum de nós dois vai conseguir fechar muitos negócios em Chazwa hoje — comentou Gillespee, em tom de conversa. — O que me diz de continuarmos em algum outro lugar? Vamos dizer, em oito dias?

— Estarei esperando ansioso — respondeu Karrde, sorrindo.

Olhou para a fragata e o sorriso desapareceu. A tripulação-padrão das *Lancer* era de 850 homens. Devia estar cheia. Quantos deles teriam sido criados há pouco tempo na fábrica de clones do Grande Almirante Thrawn?

— A propósito, Gillespee. Se por acaso encontrar alguns de nossos colegas a caminho, pode convidá-los. Acho que estariam interessados em escutar o que tenho a dizer.

— Certo, Karrde. Vejo você em oito dias.

Karrde desligou o comunicador. Gillespee iria espalhar a notícia para os outros grandes grupos de contrabandistas; conhecendo Gillespee, o convite aberto logo se transformaria em algo parecido com uma convocação.

Estariam todos em Trogan... quase todos.

Agora, só precisava pensar em alguma coisa para dizer a eles.

O Grande Almirante Thrawn reclinou-se em sua cadeira.

— Muito bem, cavalheiros. Alguma pergunta?

Seu olhar pousou em cada uma das quatorze fisionomias dispostas em semicírculo ao redor de seu console de comando.

O homem que estava numa das extremidades olhou para os companheiros e respondeu:

— Nenhuma pergunta, Grande Almirante — disse ele, em tom militar e preciso, que contrastava com sua aparência civil.

— O transporte está sendo preparado neste momento. Irão partir assim que possível — informou Thrawn. — Em quanto tempo acham que serão capazes de penetrar no Palácio Imperial?

— Não antes de seis dias a contar de hoje, senhor. Gostaria de parar em um ou dois planetas antes de chegar a Coruscant. Será mais fácil do que forjar uma rota fictícia. A menos que deseje antecipar o projeto, claro.

Os olhos vermelhos estreitaram-se um pouco e Pellaeon soube em quem ele pensava. Mara Jade, em território da Rebelião. Talvez naquele mesmo momento fornecendo a localização de Wayland.

— O tempo é crítico nessa operação — disse o Grande Almirante ao chefe dos comandos. — Mas a velocidade seria inútil se chegar a comprometê-los antes de entrarem no palácio. Major Himron, você será o comandante e deixo o que acontecer por lá a seu critério.

O chefe do grupo curvou-se em agradecimento.

— Sim, senhor. Obrigado, Grande Almirante. Não vou desapontá-lo.

— Sei que não vai, major. Dispensado.

Silenciosos os quatorze homens voltaram-se e saíram da ponte de comando.

— Parece surpreso, capitão, com algumas de minhas instruções — comentou Thrawn, depois que a porta fechou-se.

— É verdade, senhor — admitiu Pellaeon. — Tudo faz sentido, mas eu não tinha pensado nas coisas até esse ponto.

— Todos os pontos precisam ser preparados — disse Thrawn, digitando alguns comandos em seu teclado. A iluminação alterou-se e nas paredes da sala de comando surgiram quadros holográficas. — Arte

de Mrisst. Um dos mais curiosos exemplos de omissão a ser encontrado na Galáxia civilizada. Até que fossem contactados pela Décima Expedição de Alderaan, nem uma só das doze culturas de Mrisst tinha desenvolvido nenhuma forma de arte tridimensional.

— Interessante. Talvez uma falha no sistema sensorial? — arriscou Pellaeon.

— Muitos especialistas acreditam nisso. Mas, para mim parece claro que se trata de uma espécie de cegueira cultural, combinada com uma forte harmonização social. Dois aspectos que podemos explorar.

O capitão olhou para os trabalhos, uma suspeita formando-se na cabeça.

— Vamos atacar Mrisst?

— Eles estão prontos para a colheita — lembrou Thrawn. — E seria uma base que nos daria capacidade de lançar ataques ao coração da Rebelião.

— Certo, e a Rebelião deve saber disso — observou Pellaeon, escolhendo as palavras, por temer que o pedido de C'baoth para atacar Coruscant tivesse sido aceito. — Eles responderiam com um contra-ataque maciço, senhor, se atacássemos Mrisst.

— Sim. O que significa que podemos trazer a frota de defesa de Coruscant para uma armadilha. Mrisst é o lugar perfeito para isso. Se vierem ao nosso encontro, podemos derrotar as forças divididas aqui e lá. E se perceberem a armadilha e não vierem combater, ganhamos uma base avançada. De qualquer jeito, o Império triunfa — explicou o Grande Almirante, estendendo a mão para o console para desligar os quadros. — Mas essa batalha ainda está no futuro. Por enquanto, nosso objetivo principal é juntar força suficiente para realizar essa vitória. E manter a Rebelião ocupada enquanto isto acontece.

— O ataque a Ord Mantell vai ser importante para mantê-los ocupados.

— Com certeza vai criar um certo grau de medo em todos os sistemas próximos. Assim como vai afastar por enquanto o interesse da Rebelião em nossas linhas de suprimentos.

— Isso seria bom. O último relatório de Bilbringi dizia que os estaleiros estavam ficando sem gás tibanna, hfredium e kammris — lembrou Pellaeon.

— Já ordenei que a guarnição de Bepin passe para eles a produção de gás tibanna — afirmou Thrawn. — Quanto aos metais, parece que a Inteligência encontrou um bom estoque, convenientemente localizado.

O relatório surgiu no monitor e o capitão inclinou-se para a frente a fim de examiná-lo.

— *Isto é o que a Inteligência chama de uma localização conveniente?*

— Presumo que discorde deles.

Pellaeon olhou outra vez para o relatório. O Império já atacara o complexo de mineração de Lando Calrissian uma vez, no superaquecido planeta Nkllon, quando precisaram das naves mineradoras para o ataque aos estaleiros de Sluis Van. Tal ação militar custara ao Império cerca de um milhão de homens-hora, tanto em preparar o *Justiceiro* para o calor intenso das órbitas mais próximas ao sol, quanto depois, para reparar os danos.

— Acredito que isso depende, senhor, de quanto tempo ficaremos sem o destróier estelar que vai realizar o ataque — disse ele, por fim.

— Uma boa pergunta. Porém, não será necessário utilizar nenhum destróier estelar. Três dos nossos Dreadnaught devem ser mais do que suficientes para neutralizar as defesas de Nkllon.

— Mas um Dreadnaught não seria capaz de... — começou Pellaeon, interrompendo a frase ao compreender a estratégia. — Eles não precisam ficar sob a luz solar. Se puderem capturar uma das naves-escudo que acompanham os cargueiros para entrar e sair, um Dreadnaught pode muito bem se acomodar embaixo da proteção.

— Exato — confirmou Thrawn, com um sorriso. — E capturar um "guarda-chuva" daqueles não deve representar nenhum problema. As naves-escudo, apesar do tamanho, não passam de blindagem térmica, líquido resfriador, e uma pequena nave, em termos de tripulação e armamento. Seis naves de homens da tropa de choque devem resolver logo o assunto.

O capitão concordou com um gesto de cabeça, ainda examinando o relatório.

— E se Calrissian vender o estoque antes de chegarmos lá, senhor?

— Isso não vai acontecer. O preço do mercado começou a subir outra vez e homens como Calrissian aguardam até que chegue ao ponto mais alto, antes de vender.

A menos que ele fosse tomado por algum recente fervor patriótico em relação a seus amigos da Nova República e vendesse para eles a um preço baixo.

— Eu recomendaria, senhor, que o ataque fosse efetuado o mais breve possível.

— Levarei isso em conta — prometeu o Grande Almirante. — Na verdade, capitão, o ataque foi iniciado dez minutos atrás.

Pellaeon sorriu. Algum dia aprenderia a não subestimar o superior.

— Sim, senhor.

Thrawn reclinou-se no assento.

— Volte para a ponte de comando, capitão, e prepare tudo para o salto ao hiperespaço. Ord Mantell nos aguarda...